

O FRACASSO ESCOLAR CONTINUA SENDO NATURALIZADO?

MARIA LAURA COUTO¹; SÍLVIA NARA SIQUEIRA PINHEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – lauracouto@uol.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – silvianarapi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo investigar se o fracasso escolar continua sendo naturalizado. Para isso será traçado o perfil social, educacional, emocional e neurológico de crianças atendidas no Projeto de Extensão “Avaliação e Intervenção em crianças com história de Fracasso Escolar”. Este projeto é desenvolvido por estudantes do Curso de Psicologia em um Ambulatório de Neurodesenvolvimento do interior do Rio Grande do Sul. Este trabalho ancora-se na Psicologia Histórico Cultural. Vale salientar que pesquisas sobre as características das crianças que fracassam na escola e são encaminhadas para serviços de saúde, como clínicas universitárias de psicologia, são realizadas desde 1983, e mostram que características como ser do sexo masculino e estar cursando as séries iniciais do Ensino Fundamental parecem manter-se ao longo do tempo.

O fracasso escolar, segundo Patto (1990), caracteriza-se por diversos fenômenos educacionais, tais como: dificuldades na leitura, escrita e matemática, baixo rendimento, reprovação, repetência, defasagem idade-série, evasão, analfabetismo, entre outros. Facci, Leonardo e Ribeiro (2014) afirmam que o motivo mais apontado pelos educadores como sendo o responsável pelo fracasso escolar é o “aluno problema”, que é apresentado como portador de “distúrbios psicopedagógicos que podem ser de ordem cognitiva ou comportamental” (p.5). Assim, para os autores, parte desses alunos é encaminhada para profissionais da saúde, como psicólogos, neurologistas, fonoaudiólogos, entre outros. Como decorrência é retirado do profissional da educação a responsabilidade de uma reflexão constante sobre a sua prática, visto que alunos problemas não tem solução.

2. METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se por um estudo qualitativo descritivo e de base documental. Os materiais analisados foram os prontuários das crianças encaminhadas pelos neurologistas para o Projeto de Extensão “Avaliação e Intervenção em crianças com história de Fracasso Escolar”. A amostra foi composta por 16 prontuários, sendo que três não contribuíram para a coleta de dados. Para a análise destes foi criado um instrumento em forma de questionário, o qual foi composto por 25 questões. Essas questões abordavam características das crianças relativas à idade, sexo, família e renda; dados relativos à escolaridade, e dados relativos ao diagnóstico da criança. Foi realizada a tabulação do instrumento e utilizou-se o SPSS Statistics para obter as frequências simples. Além da análise das frequências, foi realizada análise temática (Minayo, 1993). As duas temáticas estruturadas foram: escolaridade e diagnóstico. Neste trabalho serão apresentados apenas os resultados referentes à temática escolaridade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 13 crianças que compuseram a amostra, 2 eram meninas e 11 eram meninos, sendo que a média de idade delas foi de 10,3 anos com desvio padrão de 1,7. Sobre a prevalência de crianças do sexo masculino, existe uma hipótese explicativa que é compartilhada tanto por Lopez (1986) quanto por Souza e Sobral (2013), que relaciona esse dado com os papéis sociais do homem e da mulher.

Na temática escolaridade agrupou-se dados relativos à série, repetência e queixa. Constatou-se que 69,2% (9) das crianças estavam no terceiro ano, 15,4 % (2) no quarto, 7,7% (1) no segundo e 7,7% (1) no quinto. Evidenciando-se que a maioria das crianças que compuseram a amostra estava cursando os primeiros anos do Ensino Fundamental, assim como nas pesquisas de Nakamura et al (2008), Rodrigues e Campos (2012) e Souza e Sobral (2013). Esse dado aponta para um maior índice de Fracasso Escolar nas séries iniciais, ou seja, no período de alfabetização, quando as crianças passam a receber um nível maior de exigências por parte da escola.

Os dados sobre a repetência mostraram que 61,6% (8) das crianças repetiu pelo menos uma vez na escola, 30,8% (4) dos dados está ausente e apenas 7,7% (1) das crianças não repetiu nenhuma vez. Quanto à fonte de encaminhamento, 61,6% (8) das crianças foram encaminhadas por escolas públicas e 38,5% (5) foram encaminhadas por outros profissionais da área médica, como pediatra e clínico geral. Em relação ao fato de a maioria das crianças terem sido encaminhadas para tratamento por escolas da rede pública, pode-se citar o “mito” de que as crianças fracassariam na escola por serem carentes culturalmente (PATTO, 1990).

As queixas que deram origem aos encaminhamentos foram analisadas e posteriormente agrupadas em duas categorias: comportamento e aprendizagem. A categoria comportamento é composta pelas seguintes queixas: falta de atenção e concentração, agitação, agressividade, hiperatividade, indisciplina, falta de interesse/motivação e dificuldades nos relacionamentos interpessoais. Enquanto que a categoria aprendizagem é composta por: problemas na leitura, escrita e matemática, e dificuldade na alfabetização.

Categorias das queixas apresentadas pelas crianças que compõem a amostra:

Categoria	Amostra (N)	Distribuição da Frequência (F)
Comportamento	4	30,8%
Aprendizagem	1	7,7%
Comportamento e Aprendizagem	8	61,5%

Fonte: prontuários do Ambulatório de Neurodesenvolvimento

Como pode se observar, as queixas consistem, em sua grande maioria, em problemas relacionados à aprendizagem e ao comportamento. De forma semelhante, as pesquisas de Lopez (1986); Campezzatto e Nunes (2007); Savalhia e Nunes (2007); Nakamura et al (2008); Cunha e Benetti (2009); Rodrigues, Campos, Fernandes (2012); Souza e Braga (2014) também encontraram esses resultados no que se refere às queixas.

Frente a essas dificuldades as escolas acabam por encaminhar esses alunos para serviços de saúde, por acreditarem que estes precisam ser medicados a fim de que consigam aprender. Assim, a escola não procura refletir seu fazer nem pensar em soluções para o fracasso em seu interior, como, por exemplo, rever metodologias de ensino e processos de avaliação. Partindo do pressuposto de que as crianças não chegam desenvolvidas na escola, pode-se pensar na ideia de Vygotsky, de que é a aprendizagem que gera o desenvolvimento das funções psíquicas dos alunos (1995).

Em relação aos problemas de comportamento, os quais são, assim como as queixas escolares, um dos principais motivos de encaminhamento para serviços de saúde, parece pertinente a colocação de Souza e Braga (2014, p.51), as quais afirmam que “os problemas de comportamento talvez surjam em decorrência da dificuldade encontrada pelo aluno para uma aprendizagem efetiva, gerando sentimentos de inadequação”. Assim, segundo Nakamura et al (2008) “o que se percebe é um processo de escolarização que tem muita dificuldade em ensinar e não sabe lidar pedagogicamente com questões ligadas ao processo de escolarização”.

4. CONCLUSÕES

Como pode ser observado na revisão bibliográfica, o fracasso escolar no Brasil parece manter características muito semelhantes ao longo do tempo, como comprovam diferentes estudos realizados desde 1986. Assim, crianças do sexo masculino, cursando as séries iniciais do Ensino Fundamental de escolas da rede pública têm sido as principais vítimas do fracasso escolar, o que também se confirmou nesta pesquisa.

Além disso, evidenciou-se que as escolas são as principais fontes de encaminhamento para serviços de saúde, o que parece demonstrar uma transferência do conhecimento e responsabilização sobre o processo de aprendizagem para profissionais da saúde, como médicos e psicólogos. Dessa forma, conclui-se que o fracasso escolar dos alunos que compuseram a amostra não é visto como uma construção histórico-cultural, mas sim como algo natural e que deve ser medicado. Assim, espera-se que os resultados deste estudo, além de contribuir para uma visão crítica acerca do fracasso escolar, como muitos autores já vem propondo, possa instigar a produção de pesquisas de como se produz esse fracasso na e da escola, como também a fim de procurar caminhos para enfrentá-lo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPEZATTO, P. V. M.; NUNES, M. L. T. Caracterização da Clientela das Clínicas-Escola de Cursos de Psicologia da Região Metropolitana de Porto Alegre. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Rio Grande do Sul, v.20, n.3, 376-388, 2007.

CUNHA, T. R. S.; BENETTI, S. P. C. Caracterização da clientela infantil numa clínica-escola de psicologia. **Boletim de Psicologia**, LINX, n.130, 117-127, 2009.

FACCI, M. G. D. A compreensão dos professores sobre as dificuldades no processo de escolarização: análise com pressupostos vigotskianos. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v.21, n.1, 1-17, 2014.

GARRIDO, J.; MOYSÉS, M. A. A. Um panorama nacional dos estudos sobre a medicalização da aprendizagem de crianças em idade escolar. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (Org.). **Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doença de indivíduos**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2010. 149-162.

LOPEZ, M. A. Características da clientela de clínicas escola de psicologia em São Paulo. In: MACEDO, R. M. **Psicologia e Instituição: novas formas de atendimento**. São Paulo: Cortez, 1986. Cap.2, 24-46.

MEIRA, M. E. M. Para uma crítica da medicalização na educação. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP, v.16, n.1, 135-142, 2012.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde**. São Paulo, SP: Hucitec.

NAKAMURA, M. S., LIMA, V. A., TADA, I. N. C., JUNQUEIRA, M.H.R. Desvendando a queixa escolar: um estudo no Serviço de Psicologia da Universidade Federal de Rondônia. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, 12, 2, 423-429.

PATTO, Maria H S. **A produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990. 464p.

RODRIGUES, M. C.; CAMPOS, A. P. S.; FERNANDES, I. A. Caracterização da queixa escolar no Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Juiz de Fora. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.29, n.2, 241-252, 2012.

SAVALHA, J. A. D.; NUNES, M. L. T. Motivos de consulta em crianças de clínicas-escola e serviços de Psicologia. **R. Ciências Humanas**, Frederico Westphalen, v.8, n.11, 157-171, 2007.

SOUZA, B. P.; SOBRAL, K. R. Características da clientela da Orientação à Queixa Escolar: revelações, indicações e perguntas. In: SOUZA, B. P. (Org.) **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. 119-134.

SOUZA, M. P. R.; BRAGA, S. G. Da educação para a saúde: trajetória dos encaminhamentos escolares de 1989 a 2005. In: DIAS, E. T. D. M.; AZEVEDO, L. P. L. (Orgs.) **Psicologia Escolar e Educacional: Percursos, Saberes e Intervenções**. Jundiaí: Paco Editorial. Cap. 2, 41-62.

VYGOTSKI, Lev S. **Obras escogidas III – Problemas del desarrollo de la psique**. Trad. Lydia Kuper. Madrid: Visor, 1995. 383 p.